
Obras completas IV, de Jorge Luis Borges, vários tradutores. São Paulo: Globo, 1999, 680 pp.

Este quarto e último volume das chamadas *Obras completas* de Borges compreende livros publicados entre 1975, quando o autor tinha 76 anos, e 1988, quando se completavam dois anos de sua morte. São quatro textos, todos eles de prosa ensaística, todos eles excelentes: *Prólogos com um prólogo de prólogos*, *Borges, oral*, *Textos cativos* e *Biblioteca Pessoal*. *Prólogos*. Neles está o melhor Borges, com toda a sua imensa cultura, sua incrível autonomia intelectual, sua originalidade, sua inteligência ágil e seu estilo que revolucionou a prosa hispânica do século XX. Se ainda há alguns (cada vez menos, é verdade) que questionam a narrativa inovadora de *Ficciones* e *Al Aleph* e se muitos não se convencem totalmente

do mérito poético de Borges, seus ensaios encontram uma rara unanimidade. Completando o volume há uma pormenorizada cronologia e uma bibliografia de Borges elaborada por um de seus melhores críticos e biógrafos, Emir Rodríguez Monegal e devidamente adaptada e atualizada por Jorge Schwartz e Gênese Andrade da Silva. Tanto a cronologia como a bibliografia *não* constam do original e foram tiradas do livro *Ficcionario*, ampla antologia de Borges, organizada e anotada por Monegal e publicada no México em 1981.

Borges, inserido em uma cultura, a hispânica, notória por obras prolixas, foi, como se sabe, um virtuoso das formas breves e desdenhadas. Três dessas formas estão presentes aqui em textos para os quais o adjetivo certo é simplesmente *geniais*: prólogos, resenhas e minibiografias. Aliás, as resenhas e as minibiografias estão também embutidas em muitos de seus mais inspirados prólogos. Uma

quarta forma de pouco prestígio no hemisfério sul entra neste volume: as conferências, das quais Borges tirou seu sustento durante muitos anos. Eterno heterodoxo, suspeito sempre de ser um mero tigre de papel literário, que tiraria toda sua literatura da livros e não da vida, Borges cultivou e poliu vários gêneros tipicamente orais, como a conferência e a entrevista. Não esqueçamos tampouco que a “elitista” obra de Borges tem origem em uma contínua conversa literária, que praticou com alguns interlocutores ao longo de toda a sua longa vida, nos diferentes papéis de discípulo, par e mestre. Talvez muitos se surpreendam ao saber que essas grandes conversas foram feitas não com ingleses ou americanos, mas com hispânicos como o espanhol Cansinos Asséns, o mexicano Alfonso Reyes, o dominicano Henríquez Ureña e o argentino Bioy Casares – este último, o único mais jovem que ele. Em outras palavras, o mestre soube ser discípulo – e discípulo de mestres hispânicos.

Prólogos com um prólogo de prólogos (*Prólogos, con un prólogo de prólogos*, 1975), o primeiro livro destas *Obras completas*, é formado por uma impressionante coleção de prefácios escritos para

livros publicados entre as décadas de 20 e 70, apresentada de forma idiossincrática, pois a série não obedece a uma ordenação cronológica ou temática. Nesses textos, sempre perspicazes, encontramos as distintas facetas de Borges como leitor e crítico: desde a mais conhecida de cultor dos escritores anglófonos, até a menos divulgada do conhecedor e promotor da literatura argentina, passando pela do leitor contumaz da obra de historiadores, místicos e críticos literários de vários países e épocas, sobretudo dos menos freqüentados por seus conterrâneos e contemporâneos.

O Borges crítico circunstanciado, e mesmo técnico, de poesia tem uma forte presença neste livro e é essa faceta a que mais sofre pela decisão editorial de colocar apenas o texto traduzido dos poemas, e trechos de poemas, analisados. Nos volumes anteriores, os versos originais eram colocados em notas de pé de página. A tradução é de Josely Vianna Baptista, poeta que traduziu, entre outras coisas, o romance *Paradiso*, de Lezama Lima, a poesia do argentino Nestor Perlongher e também a maioria dos poemas borgianos publicados no tomo III das *Obras completas*.

Sua tradução substitui uma anterior, feita pelo também poeta e membro da Academia Brasileira de Letras Ivan Teixeira, publicada em 1985 pela editora Rocco. Embora nos dois casos, a tradução seja obra de poetas, a de Junqueira possuía um perfil mais “jornalístico”, privilegiando a fluência enquanto a de Josely possui um tom levemente mais acadêmico, privilegiando o literalismo, que tanto caracteriza as traduções do espanhol, em geral. Um exemplo basta para ilustrar as diferentes estratégias dos tradutores (itálicos meus):

Original (p. 13)

Hacia 1926 *incorri* en un libro de ensayos *de cuyo nombre no quiero acordarme*, que *Valéry-Larbaud*, tal vez para complacer a nuestro común amigo Güiraldes, alabó por la variedad de sus temas, que juzgó propia de un autor sudamericano.

Ivan Junqueira (p. 7)

Por volta de 1926 *ousei* um livro de ensaios de cujo título não quero lembrar-me, que *Valéry-Larbaud*, talvez para *agradar* nosso amigo comum Güiraldes, louvou pela variedade *dos* temas, *que julgou* própria de um autor sul-americano.

Josely Vianna Baptista (p. 11)
Por volta de 1926, incorri em um livro de ensaios, cujo nome não quero lembrar, que *Valery Larbaud*, talvez para *agradar* a nosso amigo comum Güiraldes, louvou pela variedade *de seus* temas, *julgando-a* própria de um autor sul-americano.

Embora apresentando opções literalistas (*de cujo nome não quero lembrar-me, que julgou*), Ivan Junqueira tem ouvido para a frase idiomática, escolhendo *agradar* para *complacer a* e *dos* temas para *de sus temas*, esta última uma escolha particularmente feliz. Sensível à transgressão borgiana, recria o idiossincrático *incorri en un libro* como *ousei um livro*. Josely, por outro lado, também sensível à transgressão borgiana, opta pela via literal: *incorri* em um livro. Mas ela também faz suas opções idiomáticas: não quero lembrar para *no quiero acordarme* e, mais ousadamente, *julgando-a* para *que juzgó*. Neste parágrafo, há também a correção de um erro da edição em espanhol: o nome do escritor francês é realmente *Valery Larbaud*, sem acento e sem hífen e não *Valéry-Larbaud*, como está no original e foi reproduzido na tradução de Ivan Junqueira. Mas

aqui é provável que se trate de uma intervenção da coordenação editorial brasileira, que procedeu a correções similares no conjunto das *Obras completas*.

Se houve mais rigor neste e nos outros tomos em relação às referências do que no próprio original castelhano, o mesmo rigor não se aplicou às centenas de citações de autores estrangeiros espalhadas pelo texto. Estas citações foram traduzidas não do original, mas da tradução espanhola de Borges. Em muitos casos, essa opção não traz maiores prejuízos, inclusive porque a tradução de Borges é, com frequência, excelente e próxima da letra do original. Em outros, contudo, a localização e confronto com os textos originais poderia revelar surpresas importantes, pois muitas delas parecem ter sido adaptadas por Borges, para melhor servir seu estilo ou sua argumentação.

Tal como nos outros volumes, houve um esforço por apresentar uma nova tradução e quando esta não foi possível, talvez por problemas de direitos autorais, chegou-se à solução intermediária e problemática de reaproveitar uma tradução antiga mudando algumas de suas escolhas. Foi o que aconteceu com *Borges, oral*, cuja tra-

dução anterior, de Maria Rosinda Ramos da Silva, foi revista por Maria Carolina de Araujo e Jorge Schwartz, os mesmos que efetuaram a delicada operação nas *Obras Completas* I, II e III.

Neste livro, pleno de saborosas citações, também sentimos falta de um pouco mais de rigor acadêmico. De novo, há rigor para os textos em espanhol, como na nota 2 da p. 202, quando se localiza com precisão uns versos espanhóis referidos por Borges como sendo de “um anônimo sevilhano”. Falta esse rigor, contudo, para as referências a outras línguas, que constituem a maioria, como esta de Leconte de Lisle: “Libertemno do tempo, do número e do espaço e devolvam-lhe o repouso que lhe haviam tirado.” Estes versos são citados como se fossem prosa, embora o próprio Borges diga que pertencem a “uma estrofe”. Eles pertencem, de fato, aos *Poèmes antiques* (1852) e constituem os dois últimos versos da última estrofe de “Hélène”:

Et toi, divine Mort, où tout
rentre et s’efface,
Accueille tes enfants dans
ton sein étoilé ;

115 Affranchis-nous du temps,
du nombre et de l’espace,

Et rends-moi le repos que la
vie a troublé !

(disponível no site <http://www.educnet.education.fr/musagora/muses/musesfr/leconte.htm#r2>)

Neste caso, como podemos ver, a tradução da tradução de Borges segue de perto, mas não totalmente, o original, talvez porque o escritor citasse a passagem de memória. Um pequeno detalhe, no entanto, nos diz como esse cotejo com o original pode ser fértil. O texto brasileiro diz: *Libertem-no* e *devolvam-lhe*, enquanto o original francês diz *Affranchis-nous* e *rends-moi*, ou seja *Libertem-nos* e *devolvam-me*. Uma consulta ao texto castelhano revela que o desvio vem de lá: “Libérenlo del tiempo, del número y del espacio y devuélvanle el reposo que le habían quitado.” Borges, sem dúvida mais interessado na idéia que na propriedade poética dos versos, simplifica a simetria e a perspectiva, suprime o sujeito *vie* [vida] e o ponto de exclamação e traduz, muito livremente, *troublé* por *quitado*.

O terceiro livro deste volume, *Textos cativos*, reúne os textos que Borges publicou, de 1936 a 1939, na revista feminina *El hogar*. Esses textos, que provocaram a pai-

xão do então adolescente Emir Rodríguez Monegal, talvez sejam os textos curtos mais bem acabados de Borges. Aqui, em uma revista feminina, esse Borges de 37 a 40 anos, pôde escrever com mais espontaneidade do que para outras revistas onde esperava ser lido por seus pares e produziu alguns de seus textos mais profundos. Enrique Sacerio-Garí e Emir Rodríguez Monegal, os primeiros a divulgar esses textos (*Textos cautivos – ensayos y reseñas en El Hogar*, Barcelona, Tusquets, 1986) omitiram alguns deles em sua edição. O mesmo não deveria acontecer em um volume de *Obras completas*, onde se espera exaustividade, não seletividade. Ademais, em 1993 o editor francês das *Oeuvres complètes*, Jean Pierre Bernès, já havia incluído as peças eliminadas por Monegal, a pedido do próprio Borges e em 2000 a editora Emecé publicou um livro de 226 páginas (*Borges en El Hogar*) com “todos los textos que habían quedado sin recoger” no volume de Sacerio-Garí e Monegal. A tradução de *Textos cativos* esteve a cargo de Sérgio Molina, um dos poucos tradutores que traduzem intensa e exclusivamente do espanhol entre nós. Molina traduziu também o último livro deste quarto tomo das *Obras*

completas, Biblioteca pessoal. Prólogos, uma coleção de breves e inspirados prefácios escritos por Borges para uma coleção de obras significativas da literatura universal publicadas pela editora Hyspamérica em 1985. Assim, da página 241 à 627 temos uma unidade de tom, que falta aos outros tomos. A maneira de traduzir de Molina é uniforme em todas essas páginas, uma maneira que possui dois traços que singularizam esse tradutor: extrema correção na interpretação do espanhol e alguns percalços na idiomatidade do português brasileiro.

A familiaridade de Sérgio Molina com a língua e a cultura portenhas é responsável por 386 páginas de tradução correta, sem os erros, por leitura apressada ou desconhecimento lingüístico e cultural, que costumam caracterizar as traduções brasileiras do espanhol. O problema de Molina parece ser o excesso de confiança nas regras gramaticais e nos dicionários, pois algumas de suas escolhas, embora corretas, estão distantes do uso, mesmo culto, do português do Brasil. Um bom exemplo aparece em uma resenha do livro *Things to come*, de H. G. Wells (itálicos meus):

Por sinal, há um capítulo inicial de instruções. *Aí* está escrito que os homens do futuro *não hão de se fantasiar* de postes de telégrafo nem *corricar* de um lado para o outro, embutidos em armaduras de celofane, em recipientes de vidro ou em caldeiras de alumínio. (pp. 263-4)

Uma consulta ao original revela as virtudes e as vacilações da maneira de traduzir de Molina:

Por lo pronto, hay un capítulo inicial de instrucciones. *Ahí* está escrito que los hombres del porvenir *no se disfrazarán* de postes de telégrafo ni *corretearán* de un lugar a otro, embutidos en armaduras de celofán, en recipientes de *crystal* o en calderas de aluminio. (p. 228)

A difícil expressão *por lo pronto* está muito sensatamente traduzida por *por sinal* e o facilmente enganoso *crystal* corretamente traduzido como *vidro*, duas escolhas que comprovam a naturalidade com que Molina enfrenta aspectos espinhosos e escorregadios do espanhol, em que tantos brasileiros fracassam. No entanto, *aí* por *ahí*, *não hão de se fantasiar* por *no se disfrazarán* e [*hão de*] *corricar* por *corretearán* mostram

que sua competência idiomática do português possui zonas de sombra ou turbulência. Embora existente, a forma *aí* é muitíssimo menos usada que *ali* para indicar localização textual. *Hão de* como equivalente do futuro é certamente uma escolha abonada por gramáticos (o *Aurélio* eletrônico, por exemplo, diz “como auxiliar, junto do infinitivo precedido da preposição *de*, *haver* forma os tempos compostos do futuro”) mas não encontra apoio no uso; o mais apropriado, no caso, seria a utilização do futuro normal, tão culto em português brasileiro como em espanhol portenho. *Corricar*, por sua vez, parece ser um caso de excesso de confiança no dicionário, e merece maior atenção.

Em espanhol, *corretear*, é um verbo de uso geral e freqüente, assim definido, pelo *María Moliner* eletrônico:

Corretear intr. Ir corriendo de un lado para otro, como hacen los niños. Ir sin necesidad de un lado para otro. Callejear.

Corricar, o equivalente encontrado por Molina é dividido em *corricar*¹ e *corricar*² pelo *Aurélio*:

*Corricar*¹ [Do rad. de correr + -icar.], V. int.

1. Correr a passo miúdo.
2. Andar ligeiro.
3. Bras. Andar de um lado para outro; perambular, vagabundear.

*Corricar*² [De corrico + -ar2.]

V. int. Bras.

1. Pescar de corrico.

Segundo os dois dicionários, *corretear* e *corricar* seriam equivalentes bastante apropriados. O uso, contudo, confirma apenas o lexicógrafo espanhol, não o brasileiro. Uma busca no Google traz 2870 ocorrências para *corretear* contra 62 para *corricar* (destas, a maioria esmagadora no sentido de *corricar*²: pescar de corrico). A experiência cotidiana confirma os dados do Google: qualquer nativo de espanhol conhece a palavra *corretear* enquanto que *corricar* parece um item raro ou técnico.

Apesar dos problemas assinalados, o volume IV das *Obras completas* de Borges é o que menos sofre na passagem para o português do Brasil.

Walter Carlos Costa
UFSC